

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA E O TRABALHO DOMÉSTICO: ESCRIVIVÊNCIAS ATRAVÉS DA HISTÓRIA CONTADA

Maria Angélica Chagas Ferreira¹

RESUMO: Trago, neste texto, dois momentos vividos pelos meus pais, durante a infância, nas décadas de 1960 e 1970, que evidenciam situações de racismo, silenciamento, discriminação, tolerância e, subserviência. Para tornar estas situações perceptíveis, é necessário se aprofundar nos relatos apresentados, dialogando com as autoras trabalhadas disciplina: “*Escrivivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação*”. São elas: Preta Rara (2019), Eliana A. Cruz (2022), Conceição Evaristo (2020); e autores que auxiliam nos conceitos como: corpo, racismo são eles: Gomes (2017), hooks (2022), Kilomba (2019), elas teorizam as experiências que me ajudaram a rever histórias de família e entender como refletiam a realidade de muitas pessoas negras da época. Nos dois relatos apresento histórias que envolvem mulheres em trabalho doméstico,- minha mãe e minha avó - em circunstâncias distintas, trazem realidades comuns à situação do “servir”. Esse diálogo permite perceber como as situações relatadas compõem a forma de pensar dos meus pais atualmente, mesmo quando se tem uma apreensão mais complexa sobre o(s) racismo(s) no cotidiano. Já na fala do meu pai, apresento a percepção branda do racismo vivido e como este camufla dores e feridas que foram, e seguem sendo silenciadas, amortecendo sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. *Escrivivência*. Infância. Racismo.

HISTORIAS FAMILIARES Y TRABAJO DOMÉSTICO: ESCRIVIVÊNCIAS ATRAVÉS DE LA NARRACIÓN DE HISTORIAS

¹ Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: angelicachagasf@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9334-9698>.

ABSTRACT: This text presents two episodes from my parents' childhood in the 1960s and 1970s, which highlight experiences of racism, silencing, discrimination, tolerance, and subservience. To perceive these situations, it is necessary to delve into the narratives themselves, which I analyze in dialogue with the authors studied in the course "*Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação*": Preta Rara (2019), Eliana A. Cruz (2022) and Conceição Evaristo (2020). I also draw on theoretical contributions from Gomes (2017), hooks (2022), and Kilomba (2019), who provide key insights into concepts such as place, body, and racism. Their writings enabled me to reinterpret these family stories and to understand how they reflect the lived reality of many Black people of that time. The two accounts I present focus on women in domestic labor, my mother and grandmother who in distinct circumstances, share the common experience of servitude, a condition that continues to shape my parents' worldview, even in today's context where the presence of racism in everyday life is more exposed and openly addressed. In my father's narrative, the softened perception of racism conceals deep wounds and unspoken pain, which remain silenced and numbed.

KEYWORDS: Black women. *Escrevivência*. Childhood. Racism.

HISTORIAS FAMILIARES Y TRABAJO DOMÉSTICO: ESCRIVIVÊNCIAS ATRAVÉS DE LA NARRACIÓN DE HISTORIAS

RESUMEN: En este texto presento dos momentos vividos por mis padres durante su infancia, en las décadas de 1960 y 1970, que evidencian situaciones de racismo, silenciamiento, discriminación, tolerancia y subserviencia. Para percibir tales situaciones es necesario profundizar en los relatos expuestos, y para ello dialogo con autoras trabajadas en la asignatura "*Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação*": Preta Rara (2019), Eliana A. Cruz (2022) y Conceição Evaristo (2020); así como con autores que ayudan en la construcción de conceptos como lugar, cuerpo y racismo: Gomes (2017), hooks (2022) y Kilomba (2019). Todos ellos aportan reflexiones que me permitieron reinterpretar estas historias familiares y comprender cómo reflejaban la realidad de muchas personas negras de la época. Los dos relatos que presento se centran en mujeres en el trabajo doméstico, mi madre y mi abuela, en circunstancias distintas, pero con la experiencia común del "servir", una condición que aún hoy configura la forma de pensar de mis padres, incluso en una realidad más expuesta y visibilizada respecto a los racismos cotidianos. En el relato de mi padre, la percepción atenuada del racismo vivido encubre dolores y heridas que fueron y siguen siendo silenciados, amortiguando los sentimientos.

PALABRAS CLAVE: Mujer negra. *Escrevivência*. Infancia. Racismo.

INTRODUÇÃO

Esse pequeno texto é fruto de uma disciplina cursada no Diversitas na USP no ano de 2023, “*Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação - corpus literário em diferença*” cuja docente responsável foi a Prof^a Dr^a Conceição Evaristo. Embarcamos numa jornada profunda e com uma trajetória marcada pela conexão, e protagonismo de nossas histórias e histórias de mulheres negras.

Nesse processo, e na realização das leituras, retomando meu projeto para o Doutorado, busquei autoras que conheci na disciplina para complementar a bibliografia da tese, como também a possibilidade de aprofundar um pouco mais a minha história pela perspectiva da *escrevivência*. Abracei a oportunidade de contar um pouco sobre a minha família, incluindo algumas temáticas do curso e a possibilidade de entender um pouco sobre a perspectiva do racismo para os meus pais, pessoas pretas e maravilhosas.

Escrito em três seções, o presente artigo objetiva trazer um trecho da vida dos meus pais e como os acontecimentos relatados se imbricam com a concepção e a percepção de racismo, do trabalho doméstico e da realidade concreta. A metodologia utilizada foi a História de Vida e a *Escrevivência*, as duas, de maneiras sucintas, seguindo a afirmação de Minayo (2014) ao citar Paul Thompson (1980):

o autor utiliza o termo método para falar das abordagens das histórias de vida. Seu grande valor, diz Thompson (1980), comparando a etno-história com os surveys, é a captura de informações que, pela sua própria natureza, formam uma totalidade coerente e enraizada na experiência social real (THOMPSON, 1980 *apud* MINAYO, 2014, p. 156).

Na primeira seção *Pelas linhas da Escrevivências*, faço algumas observações sobre o processo de vivência na disciplina citada, como também aprofundo um pouco o conceito de *escrevivência* e o diálogo com as autoras que abrem o caminho para contextualizar as histórias e relatos

que virão. Na seção seguinte *A família: o trabalho doméstico e as resignações*, adentro aos relatos dos meus pais separando em dois subtítulos: 2.1 - *O aniversário*, no qual descrevo o relato do meu pai sobre o convite e a ida a um aniversário do filho da patroa da minha avó e como uma fotografia demonstra o racismo. Observo, com a ajuda de Kilomba (2019) e Cruz (2022), a cena, a situação da festa e a perspectiva do meu pai sobre como foi tratado e de como era a convivência com a família que empregava a minha avó. No subtítulo 2.2 - *Por causa de uma banana prata*, trago o relato da minha mãe contando como foi ser babá/empregada doméstica aos 12 anos de idade. As agruras do lugar, a reação de seu pai à reclamação de que ela havia comido a banana da bebê. Neste relato observo a reação do meu avô numa situação de violência e racismo vivido pela minha mãe e o tratamento da patroa que a objetificava. Autoras como Kilomba (2019) e Preta Rara (2019) me ajudam a explicar a perspectiva de superação de situações semelhantes quando minha mãe escolhe exercer outras funções fora do âmbito da casa e do trabalho doméstico.

Na seção 3 *Uma pessoa preta*, retomo alguns aspectos da abordagem do meu pai sobre sua experiência do racismo, momento em que entro nos relatos para explicar como meus pais, mesmo com pouco estudo, me ajudaram a ter a gana de continuar os estudos, como a vida que nós tínhamos torna-se uma mola propulsora para chegar até o Doutorado. As autoras Evaristo (2009) e Gomes (2017) auxiliam a contextualizar o racismo, e hooks (2022) como observar essas práticas com olhos mais atentos à realidade. Observo como a perspectiva branda do meu pai deixa de ser resignação e, na prática, torna-se reação e busca por respeito.

Nas considerações finais, diálogo com as perspectivas apresentadas pelas autoras Nogueira (2021), Kilomba (2019) e hooks (2022) que trazem, em seus estudos, a ampliação de possibilidades de contar e viver nossas histórias, associadas à importância do combate ao racismo.

1) PELAS LINHAS DA ESCRIVIVÊNCIA

Numa das passagens da minha história, tive a honra de cursar uma disciplina com a Professora Conceição Evaristo. Foi um presente e uma

responsabilidade, pois o conteúdo da ementa era composto por obras que percorriam um caminho bastante desafiante, adentrando aspectos da vida das mulheres negras. Ao observar mais atentamente percebi que passava pela história da minha vida e da minha família, mesmo que não diretamente.

Já na primeira aula, quando a professora Conceição começa a introduzir o conceito de *Escrivivência* e contextualiza a história do surgimento da palavra como ela vai ganhando corpo, forma, e sentido epistemológico, com cada autor e autora que entramos em contato, o conceito vai ganhando sentido. A cada aula, esse arcabouço vai se estruturando de forma muitas vezes dolorida as histórias que tivemos contato, mesmo as ficções, são fortes, mas consistentes e delicadas, como a discussão sobre a Mãe Preta².

Esta discussão que me fez pensar e reviver a minha história de vida. Quando eu era criança, minha mãe sempre trabalhou, eu e minha irmã precisávamos ficar na casa de um alguém que não era ela, e isso era dolorido, mas ela precisava trabalhar, apenas o salário do meu pai não era suficiente para sustentar a casa. Então ela foi a Mãe Preta em algumas casas que não era a minha.

A riqueza da aula estava exatamente nesse aspecto, esse exercício de resgate de memórias. Não se trata de um processo de vitimização ou da defesa de bandeiras ou ideologias, mas da análise das experiências com parcimônia e respeito, com clareza e utilizando os fatos, estudos e diversas manifestações artísticas como música, poesia, obras de artes, falas de cantoras, poetisas, atrizes, escritoras, que contribuíram muito para nosso percurso. A partir desses aspectos, e da fala da professora Conceição, que nos explicou diversas vezes que *Escrivivência* não é escrita de si, mas pode ser definida como:

² Conceição Evaristo usa o termo “Mãe preta” que conta “histórias para adormecer a prole da Casa-grande”. Os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que intenta borrar o imaginário que vê o(a) negro(a) em funções determinadas pelo sistema escravocrata (FONSECA, 2020, p. 60).

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’ (EVARISTO, 2020, p. 30).

Escutando e observando meus pais, as fotos, os parentes mais velhos como minha avó e minhas tias, vou me constituindo como uma mulher negra, que tenta resgatar e registrar a própria história e de sua família. A professora Conceição (2020) afirma que, além de sermos dignos, somos responsáveis pela escrita da história dos nossos ancestrais, somos responsáveis por contar nossas histórias, e assim visibilizar o povo negro e sua trajetória – tanto no presente, como no resgate do percurso passado, que pode ser resgatado mesmo que oralmente por nossos pais, avós, bisavós e pessoas mais velhas que compartilham conosco suas histórias de vida e de luta.

Como nossas histórias nos constitui como sujeitos? Grada Kilomba (2019), na análise da relação entre sujeito e sociedade, questiona e nos ajuda na reflexão:

Ter o status de sujeitos significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividades e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades [...] O racismo, no

entanto, viola cada uma dessas esferas, pois pessoas negras e pessoas de cor não veem seus interesses políticos, sociais e individuais como parte de uma agenda comum. Como o racismo afeta, então o status de subjetividade de uma pessoa? (KILOMBA, 2019, p. 74-75).

O racismo destitui e distancia a fruição de direitos básicos, prejudicando as pessoas negras nas diversas esferas sociais. Os efeitos vivenciados na lógica social racista afetam sujeitos que neste estudo são pessoas que constroem com a maturidade, as suas vivências, suas vozes e suas histórias, evidenciando as diversas dificuldades que os afastam dessa condição de sujeitos. Precisam, portanto, fincar seus pés na realidade e enfrentar as violações, os apagamentos e as sujeições.

Envolvida com as diversas perspectivas literárias e artísticas de estudo da história do povo negro, quero, neste texto, falar da minha história: a história de Wanderley, meu pai, e Maria das Graças, minha mãe, negros retintos, casados há 46 anos, fora o tempo de namoro. Gentilmente me contaram histórias sobre uma parte de suas vidas na infância. Antes de dialogar com as histórias deles, farei uma breve apresentação dos meus pais.

2) A FAMÍLIA: O TRABALHO DOMÉSTICO E AS RESIGNAÇÕES

2.1) O ANIVERSÁRIO

Nossa família começa na década 1970, porém os sujeitos dessas histórias são da década de 1950. A família materna é composta pelo meu avô Sr. Antônio, e minha avó, Maria de Lourdes, falecidos, casal de pessoas negras retintas, migrantes, que tiveram 15 filhos. Minha mãe, Maria das Graças, é a primogênita. Já a família paterna é marcada pela presença e luta feminina: meu pai, Wanderley, é filho único de Maria Adelaide, mãe negra, empregada doméstica, cuja mãe também era empregada doméstica; assim como minha família materna, também foram migrantes. Minha bisavó teve quatro filhos, ficou viúva ainda jovem, então meu pai foi criado por mulheres, todas foram empregadas domésticas, as tias, a mãe e,

a avó. Mesmo sem a figura paterna, meu pai tinha tios, que participaram e auxiliaram minha avó na criação dele, mas infelizmente ela morreu quando ele tinha apenas 13 anos, assim minha bisavó assume a responsabilidade de cuidar e criar o meu pai.

FIGURA 1: Avó paterna



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha avó trabalhava como doméstica e só ficava em sua própria casa aos finais de semana, conforme os relatos meu pai, nessa circunstância meu pai ficava com ela pouco tempo. Observando a experiência feminina no emprego doméstico, no trecho de *Solitária* (2022), Eliana Cruz nos conta que:

Hoje fico com pena do sacrifício que era se tornar invisível. Além dos espaços apertados que ocupávamos, o silêncio era um companheiro. Era preciso estar presente sem estar, uma boa servçal é silenciosa, e a criança que é a filha dessa mulher também deve ser. Ela não pode rir como uma criança, não pode pular ou fazer travessuras como uma criança. Ela não é uma criança. É um incômodo, alguém apenas tolerado (CRUZ, 2022, p. 97).

Essa perspectiva da subserviência não está somente na literatura, está também na vida real. Meu pai afirma que sempre foi bem tratado na casa da patroa da minha avó, inclusive convidou ele para uma festa de aniversário do filho (que era a criança de quem a minha avó cuidava). A ideia de que o racismo não acontecia só porque houve o convite parece uma maneira de abafar os sentimentos, e assim colocar a resignação no lugar, uma maneira de viver e aceitar as condições que parecem ser consequência da vida.

As empregadas domésticas estão em uma dualidade de sentimentos, há uma difícil separação entre o campo afetivo e profissional. Diante da inércia do Estado, o empregador promove certas assistências, presentes e empréstimos. A expressão “como se fosse da família” traduz este cenário cuja relação trabalhista transmuta-se em uma troca afetiva. A confiança torna-se, portanto, justificativa para este título: “membro da família”. O emprego doméstico é, portanto, um lugar de ambivalências afetivas cuja separação entre cuidado/afeto e trabalho/profissão se atenua (ABREU, 2021, p. 60).

Assim, meu pai relata³ que:

A respeito de discriminação, a respeito de nossa discriminação, eu, graças à Deus, por enquanto na minha vida, até agora, eu não tive muitos essa discriminação, desde criança né, desde a foto aí, lá eu fui bem recebido pela patroa da minha mãe, certo? Minha mãe não aparece aí, nem a patroa, aparece só a vó dele, a avó do menino né? Do aniversariante, que é a senhora do cabelo branco aí e... lá eu sempre fui bem tratado, desde criança a moça sempre pedia para nós irmos lá, a patroa se chamava Dona Sebastiana e o filho dela chamava Paulo e nunca tivemos nada (*situação que poderia evidenciar racismo*). Graças à Deus, se teve não vou lembrar

³ Optei por manter as coloquialidades dos relatos, transcritos assim como foram contados, para manter a essência das falas dos meus pais.

mesmo, que... nunca passei por isso, se tivesse, nem na foto eu tinha aparecido aí, eles fizeram questão de eu estar lá no aniversário deles e tudo foi tudo natural.

FIGURA 2: O Aniversário



Fonte: Arquivo pessoal

A única criança negra da foto, o filho da empregada, meu pai, que relata que se sentia acolhido, que era bem tratado quando ia ao trabalho com a mãe, quando ouço as histórias (são difíceis de serem resgatadas, meu pai não fala muito sobre a infância) percebo a perspectiva da eterna gratidão e subserviência e subalternidade que Eliana Cruz ressalta em diversos trechos:

‘Apesar de tudo... Reconsiderar...’ - eu era pequena, mas as palavras dele me fizeram pensar. Naquele momento, para mim, a questão não era tanto seu significado, mas o tom com que eram ditas. Segundo eles, minha mãe poderia me levar quando precisasse, desde que se responsabilizasse em me manter nas dependências de empregadas e, de preferência, no quartinho (CRUZ, 2022, p. 30).

A percepção do meu pai passa pela perspectiva da aceitação, tolerância, mas será que era real? Será que o filho da empregada teria acesso aos espaços, aos brinquedos como o meu pai relata? A foto me impacta, e mostra nitidamente sua condição social, não apenas por ser o único negro da foto, mas também pelo olhar assustado, como uma composição sem harmonia.

A subserviência e resignação afeta as pessoas negras, quem está no poder se estabelece, e a relação com o outro se constrói pela desigualdade. Observo uma relação dualizada desse episódio da foto, ou seja, vejo meu pai compondo aquele grupo, mas observando sua vestimenta, alinhado, cabelo cortado (lindo e elegante), será que ele estava bem na festa de aniversário? A fisionomia séria, o incômodo por não ter e não encontrar outra criança que se parecesse com ele, um espaço que o acolhesse e não apenas tolerasse sua presença, além disso, a aparência mesmo que “bem intencionada”, mostra que ele era o filho da empregada, o que contradiz o seu depoimento.

O processo dessa construção identitária não se encontrava ali, na verdade um papel social de comportamento, ações e reações recebidas certamente para que ele pudesse “se encaixar” nesse contexto. Um processo alienante, como afirma Kilomba (2019), “a máscara vedando a boca do *sujeito negro* impede-o de revelar tais verdades, das quais o senhor branco quer ‘manter a distância’ nas margens quietas” (KILOMBA, 2019, p. 42, grifo do autor).

2.2) POR CAUSA DE BANANA PRATA

Com doze anos de idade, minha mãe, Maria das Graças, começou a trabalhar como empregada doméstica. Meu avô, Sr. Antônio, arrumou essa casa onde ela trabalhou como babá de um bebê, ficando na casa por um tempo, até que meu avô fosse buscá-la e levá-la para casa.

Esse é um tempo muito lá atrás, bem lá atrás, eu era solteira ainda né, e tipo criança porque com 12 anos a gente já começava a trabalhar fora né? E meu pai sempre arrumava

trabalho para mim na casa de um, na casa de outra, na casa de outro, olhar uma criança aqui, olhar uma criança ali. E teve um tempo que ele arrumou um serviço para mim, e para minha tia Glória, ela foi trabalhar na Penha e eu fui trabalhar em Guarulhos, e a Dona Lúcia, que era mãe da mulher... mãe da menina, da moça que eu fui trabalhar, ela tinha uma filha né e o esposo dela era policial, e ela tinha uma filha, a filha devia ter uns 2 aninhos, 2 ou 3 aninhos; aí assim, para eu cuidar da menina e dar uma ajeitadinha na casa; ah, beleza! Aí fui para lá, fiquei lá na casa da mulher acho que um mês e pouco. Mas assim, eu tava acostumada com muita fartura na casa da minha mãe, sempre meu pai comprava as coisas tudo de bastante né. E aí eu fui para a casa da mulher, a mulher fazia a feirinha dela no fim de semana né... e aí na semana que eu tava lá e aí eu tomava conta da menina e aí, chegava assim, na hora de dar a sopinha que era da menina e era eu que tinha que dar, e era para dar pra menina banana amassada, entendeu? E lá na casa da minha mãe a gente costumava comer banana nanica, mas banana prata, banana maçã, a gente não tinha esse acesso né, e a banana da menina era banana prata né, para mim tudo aquilo era uma novidade né. Era novinha! E aí era uma banana para a menina, e ela comprava a quantidade certinha até o fim da semana. Mas só que às vezes, às vezes né, eu amassava uma para menina e já comia uma também. Aí a mulher falou para mim: essa banana aqui, as frutas que tá aí em casa e tudo para a minha filha, entendeu? Falei tá bom! Aí meu pai ia me buscar... assim tipo... é... Chegava no sábado, assim, meu pai ia lá me buscar porque eu não sabia vir para a casa da minha mãe né; aí ele ia me buscar né, no sábado, no sábado não, ele ia me buscar na sexta-feira à tarde. Ele passava do serviço lá, me pegava e eu vinha para a casa da minha mãe e do meu pai né; aí meu pai passou lá, passou lá e tal, tudo bem.

E ela continua:

Seu Antônio, meu pai muito alegre, conversando e tal...a patroa disse: Ah seu Antônio, só tem um probleminha... e meu

pai falou: o que que aconteceu né? Ela falou: é... assim, a Gracinha é uma pessoa muito boa, assim, muito dedicada, mas assim, eu compro as frutas da minha filha para dar para a semana inteira, entendeu? E assim, ela às vezes ela come a fruta da criança; Aí meu pai olhou para mim e falou: Graça pega lá as suas coisas! Aí falou para ela, não, a mulher falou assim. Meu pai falou pega as suas coisas e eu fui lá peguei minha bolsinha, minhas coisinhas. Peguei a minha bolsinha, achei que a gente já iria embora, e ele não, pega as suas roupas também. A mulher falou não, mas você vai embora? Aí meu pai falou: olha Senhora, eu tô acostumado a comprar para meus filhos, não é uma dúzia de banana não, lá em casa a gente compra de cacho de banana, é saco de laranja, entendeu? Pão a gente compra, assim, bastante, porque naquele tempo tinha o filão né, 4 ou 5 filão; e era verdade, apesar que a gente comia o pão só de sábado, mas tinha bastante. Aí a mulher ficou espantada e falou: não, mas não é por uma bobaginha dessa que ela vai embora. E meu pai falou: não, minha filha não pode, ela nunca foi mal tratada, ela não vai ser maltratada agora. E aí eu peguei minhas coisas e fui embora, entendeu? E essa é a minha história!

Esse relato traz muitos elementos importantes para reflexão da *escrivivência*, principalmente na percepção de que a minha história perpassa pela história da minha família e vice-versa, vejo a cena como se fosse comigo, no papel do pai que protege sua prole, na minha mãe que, na singeleza da infância, trabalhando, passou por essa situação. Essas atitudes conflitantes, da responsabilidade, mas também da brincadeira, da experimentação e curiosidade, da aventura, do controle do corpo.

A realidade experienciada do racismo, os encontros subjetivos, as experiências, as lutas, o conhecimento, a compreensão e os sentimentos dos negros no que diz respeito ao racismo, assim como as cicatrizes psíquicas que o racismo [...] nos causa, e diante da realidade, nos torna visíveis, faladas, e até mesmo escritas, não porque talvez

possamos estar em perigo ou em risco, [...] mas sim porque tal realidade desconfortável perturba a estável imunidade branca (KILOMBA, 2019, p. 72).

Como e quais sentimentos passaram pela cabeça da minha mãe no momento, em que foi retirada do lugar onde foi violentada? Uma patroa que não a observa como ser humano, mas apenas como um objeto que deve cumprir ordens, e precisa recolher suas vontades e desejos para que seu corpo se encaixe nesse espaço limitado, onde até comer é uma falta grave. Nogueira (2021) nos auxilia a compreender essas observações, afirmando que: “o racismo encoberto, sutil, em que embora aparentemente e legalmente amparado e com os mesmos direitos de qualquer outro cidadão, o negro é tratado como se não fosse responsabilizado pelo seu déficit em relação aos outros cidadãos” (NOGUEIRA, 2021, p. 33).

Hoje, no auge dos seus 68 anos, minha mãe é a mulher mais corajosa e guerreira que conheço, mas que não conseguiu viver tudo que sonhou um dia, adiou algumas coisas, deixou para trás outras, colocou outras em outros lugares, mas mesmo trabalhando em atividades braçais como auxiliar de limpeza, cozinheira, costureira, se esforçou muito para não trabalhar em casa de família como empregada doméstica. E ela sempre dizia para mim e minha irmã “estudem para não precisarem lavar banheiro de ninguém”, o peso dessa frase demonstra a relevância e a importância do que meus pais nos ensinaram sobre estar na escola e estudar.

No livro *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, de Preta Rara (2019), encontro muitas semelhanças com a história de vida da Maria das Graças, minha mãe. Essa busca em estar sempre dialogando com seu tempo: na juventude foi vendedora, depois costureira, quando pôde, voltou aos bancos escolares para cursar o Ensino Médio. Quando eu estava na graduação, ela, junto com algumas mulheres do prédio que morávamos, fizeram um grupo e foram para escola, a formatura foi um lindo momento de conquista. Chegou a entrar em alguns cursos para terceira idade na faculdade, mas ela resolveu parar. A disposição e a vida transcendem em seu olhar, tornando-se um grande e feliz exemplo para nós que somos filhas, mas para quem está a sua volta também.

Sobre as possibilidades de qualificação do povo preto, Jesus (1986) afirma que “Rui dizia que no Brasil ainda vai haver negros doutores, médicos, advogados, engenheiros e até professores. O Brasil não vai ficar assim. Os homens do futuro vão ser mais cultos” (JESUS,1986, p. 49). Temos negros, sim, nessas condições, mas ainda somos poucos. É importante destacar que essas conquistas são frutos de movimentos sociais e lutas que reverberam até os dias atuais.

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante (GOMES, 2017, p. 21).

Apesar de meus pais não participarem de movimentos negros, sempre nos incentivaram a estudar. Chegar ao Doutorado tem sido um processo de conquista e de enfrentamentos, uma experiência regada por muitas descobertas. Destaco a possibilidade de resgatar a história da minha família, que não é apenas sobre mim, mas uma oportunidade de conectar algumas vivências com os meus ancestrais pela perspectiva metodológica da *Escrivência* num movimento de descoberta. Mesmo sendo pesquisadora, minha história não está e não é alheia ao meu sujeito, nem ao meu objeto de estudo.

FIGURA 3: Meus pais

Fonte: Arquivo Pessoal

Quando faço esse movimento, percebo o quanto o meu estudo ganhará sentido se eu puder fazer parte dele e falar um pouco da minha história também, pois ela é importante, com ela eu demonstro quem sou, o que sou, essa construção me rega nesse caminho pedregoso que é a pesquisa. Num dos relatos que a Preta Rara traz em seu livro *Eu, empregada doméstica* (2019) destaco o seguinte trecho “nesse dia minha mãe chegou em casa, abraçou os filhos e disse que trabalharia o quanto fosse necessário para dar um futuro digno para os filhos. Hoje eu sou pós-graduada graças a ela. *A empregada vence!*” (RARA, 2019, p. 32, grifo da autora). Me sinto nesse lugar.

3) UMA PESSOA PRETA

Uma vez que é o negro da cidade que, mais exposto às opressões do sistema dominante, aprofunda sua consciência racial (Lélia Gonzalez)

Quando meu avô Antônio tira a minha mãe da casa em que trabalhava porque a patroa reclamou que ela comeu a fruta da bebê que cuidava, e explica para patroa que na casa dele, apesar de humilde, tinha comida com fartura porque a família era grande, certamente a reação da minha mãe foi de surpresa, e de alívio, principalmente quando meu avô pediu para ela pegar suas coisas para ir embora. Meu avô, pai da minha mãe, naquele momento agiu como seu herói, a defendeu, não deixou que ela fosse humilhada e destrutada por causa de uma banana.

Para uma adolescente, um corpo em desenvolvimento, uma atitude que mostra que ser negro não é se sujeitar a qualquer coisa ou qualquer condição, essa lição minha mãe leva para vida, e esse ensinamento chega até nós, as netas. Tais processos não são lineares e nem acontecem com todas as pessoas negras.. Para muitas pessoas, como para o meu pai essa percepção é híbrida, ora ela acontece de maneira furiosa, pronta para o embate, ora ela é branda, silenciada e até amenizada. Conforme relato do meu pai:

E durante a minha vida toda eu nunca tive né? Se eu tive alguma coisa, eu não percebi, mas, graças à Deus eu nunca tive discriminação. Tem aquela coisinha sempre que a pessoa olha para você e já vê que você é negra e tudo, mas eu não tive nada, graças à Deus né? E... perante tudo isso aí filha, eu sei que você vai poder escrever, sobre o que você vai escrever lá, para passar para o professor né, mas, graças à Deus, nunca tive atitude nenhuma. Então, o que que eu acho, eu acho que hoje as coisas estão muito... forçando muito isso, entendeu? A gente é negro mesmo, entendeu? E as pessoas acham que o que está certo não é o correto mais, mas se a gente for ligar para isso aí, nós estamos todo mundo perdido, por isso que essas pessoas estão tirando como sarro, entendeu? Todo mundo tirando a gente como besta, principalmente esse pessoal aí que vivem no meu convívio. E sabe quem discrimina mais nós mesmo? São a nossa cor mesmo, mesmo que a pessoa tenha algum cargo diferente, na Prefeitura, como no Estado, como na Presidência, entendeu? Como uma pessoa que é advogada,

alguma coisa então, ela discrimina. A gente vê assim pelos olhos das pessoas, mas, realmente, é as coisas da nossa cor, entendeu? Às vezes gosta de... desfazer um pouco da gente, entendeu? Principalmente se você tem um... se é mais humilde. Mas o que eu tenho que falar para você mesmo é isso, entendeu? Não tenho, nunca tive nada, graças à Deus, tudo na santa paz. Eu sei que essas são coisas que a gente não dá para entender. Mas é isso aí, tá? E o que eu posso dizer para você, se você ver mais alguma coisa que você quer que coloca depois, aí mais tarde, sua mãe vai passar o dela também, aí mais tarde aí, você dá mais toque para gente e a gente passa. Mas, por enquanto, você fazendo um resumo do que eu tô falando aqui é isso, não tive nada, graças à Deus, entendeu? No lugar que eu sempre passei fui bem recebido, entendeu? Então é isso que eu posso dizer para você, tá bom? Então eu vou lhe mandar umas fotos, não sei se vai ficar boa porque é preto e branco ainda, mas vou te mandar aí. O único pretinho que tinha lá era eu, certo? Seu pai! Tá bom?

Nesse trecho, meu pai traz algumas afirmações sobre sua infância que evidenciamos que eu identifico como parte internalizada da subserviência diante da família branca conversando com ele, constantemente obtenho a afirmação de que era bem tratado na casa da patroa da minha avó. Na foto do aniversário, onde ele é o único negro da festa, há alguns detalhes que destaco que se alinham à minha percepção a roupa, meu pai vestido de terno para um aniversário, aparenta estar sério, e sem muita intimidade com os outros convidados: um corpo contido, num não-lugar. Fundamento minha divergência com o relato apoiando-me em Evaristo (2009): “Observa-se que silêncios e silenciamentos pontuam vários momentos da trajetória das mulheres (e homens) negros. Há que se estudar a qualidade dessa *não voz, dessa não fala, desse não grito escolhido ou imposto*” (EVARISTO, 2009, p. 9, grifo nosso).

O corpo, como tudo, está sujeito a alterações. E, no entanto, vivemos em uma cultura que fez da raça uma realidade fixa. A raça é sempre identificada com o corpo. Vivemos na economia do corpo como se não houvesse mente, como se a raça, que é uma ideia fosse tal qual uma marca física vinculativa (hooks, 2022, p. 279).

A professora Gomes (2017) também auxilia na reflexão de que o corpo negro é livre, e não vive sem perspectivas, vive, cresce, e luta graças aos saberes produzidos coletivamente, assim esse corpo se torna sujeito, implicando sua relação com a história, a ancestralidade e a identidade.

O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo” somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que anuncie individual (GOMES, 2017, p. 94).

Num processo de cuidado, escuta e diálogo, conversei com meus pais sobre estas questões, pois a criticidade e a argumentação se sustentam também pela experiência de vida. Apesar de não terem muita leitura, têm uma história de vida que perpassa pelo preconceito, discriminação e racismo que podem ser a base da construção de uma nova concepção sobre suas experiências.

A maneira branda pela qual meu pai relata sua experiência mostra a percepção e lembrança da infância, mas também uma ideia de ser bem tratado que é marcada muitas vezes pelo respeito que a minha avó tinha com a patroa (tratamento de cordialidade e tolerância). No processo dessas *Escrevivências*, os saberes subalternizados, ganham forma através da memória que produz um apanhado dessas experiências e de alguma forma se conecta com a realidade atual.

embora existam muitas maneiras de aprender, muitas epistemologias (modos de conhecimentos), todos sabemos que a experiência aliada à conscientização e às reflexões críticas sobre o que está acontecendo ao nosso redor e por que está acontecendo é uma das grandes professoras da vida (hooks, 2022, p. 263).

Assim, o olhar e a perspectiva do presente não poderão continuar da mesma forma, pois o conhecimento nos torna pessoas diferentes, nossos corpos respondem às violências que recebemos cotidianamente, e leva para as famílias a responsabilidade de desconstruir essa perspectiva do que é o racismo e como enfrentá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa trajetória, penso que a busca por histórias familiares foi como resgatar a minha própria história. A *Escrivivência* permite a construção de um conteúdo que não é autobiográfico, mas tem como base a experiência tornando a escrita mais crítica a partir da perspectiva que somos seres históricos. Nossos corpos contam quem somos, e os lugares que ocupamos são frutos dessas relações que estabelecemos.

Wanderley e Maria das Graças, meu pai e minha mãe, pessoas pretas, que compartilharam suas histórias, disseram que ser uma pessoa negra não é fácil, trazem momentos de vida que explicitam a diferença, o racismo, o silêncio e a resposta. Pela dialética da fala e da escuta, Kilomba (2019) afirma:

Nessa dialética aqueles que são ouvidos são também aqueles que ‘pertencem’. E aqueles que não são ouvidos os tornam aqueles que ‘não pertencem’. A máscara recia esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizados possam um dia ser ouvidos e, conseqüentemente, possam pertencer (KILOMBA, 2019, p. 43).

O silêncio, mas também a fala, trazem meus pais para a realidade, na perspectiva de reagirem quando sofrem ou presenciam racismo, mesmo sem profundidade teórica sobre o tema, vivem na pele desde muito jovens essa ação avassaladora e apresentam diferentes maneiras de ver a vida por este prisma.

Com eles aprendo sempre, porém também me questiono e enfrento, porque precisamos ir além das barreiras racistas, seja ela qualificada ou não. O racismo que combatemos diariamente precisa nos libertar além de nos fortalecer, não é normal, muito menos natural, observar a minha cor primeiro, e só depois e, às vezes, me ter a chance de ser eu. Por isso, a cada momento de aprendizado que tenho, tento levar para vida, pois me ajudam a enfrentar esses desafios.

Trazer as histórias dos meus pais me fortalece, e me faz refletir a história dos que vieram antes de mim, mostrando que esses percursos foram vividos com obstáculos, que ser negro pesa, que ser negro exige resiliência, mas não resignação. Meu pai e minha mãe, ao me apresentarem com seus relatos, me transportam para um tempo que trazia desafios, mas que continuam sendo vivenciadas em diversas situações do presente, que encoraja a busca por uma vida menos pedregosa e com mais amor e afeto entre as pessoas. Assim, *Escrevivência* e o aprofundamento nesse estudo me permitiu encontrar uma parte da história que me faz ser quem sou, pois me explica as raízes de relações tão desiguais e tão desafiadoras, embasadas pelo racismo.

O presente texto abastece os estudos que venho realizando na busca de entender a maternidade negra, os afetos entre os nossos, como também nossas *Escrevivências* para abriremos portas, janelas, lugares para falar sobre nós, e sobre nossas trajetórias. As histórias de família permitem uma compreensão de quem somos numa perspectiva de protagonizar e valorizar nossos fazeres, nossos conhecimentos, nossas histórias e entender a relevância do nosso povo.

Enfim, nossa história, na confluência das nossas narrativas e das pessoas brancas na mesma esteira de importância e valorização. Assim, nossas crianças, os que virão, terão a oportunidade de viver melhor conhecendo a si mesmo, e o passado.

REFERÊNCIA

- ABREU, Angélica Kely de. O Trabalho doméstico remunerado: um espaço racializado. In: PINHEIRO, Luana Simões; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline (Orgs.). *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil*. Brasília: IPEA, OIT, 2021. p. 47-66.
- CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. São Paulo; Rio de Janeiro: Itaú Social; Mina, 2020. p. 26-46.
- EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). *Mulheres no Brasil, resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009. p. 1-10.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HOOKS, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. São Paulo: Elefante, 2022.
- JESUS, Carolina Maria de. *O diário de Bitita*. São Paulo: Ed. Sesi SP, 2014.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- NOGUEIRA, Isildinha B. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- RARA, Preta. *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*. São Paulo: Ed. Letramento, 2019.

Texto recebido em 16/12/2024 e aprovado em 15/10/2025